

2023-02-03 15:23:45

<http://justnews.pt/noticias/medicina-da-dor-a-importancia-da-equipa-multidisciplinar-para-uma-abordagem-global>

## Medicina da Dor: equipa multidisciplinar no HGO possibilita uma «abordagem global»

Para Alexandra Reis, "a multidisciplinaridade é a palavra-chave para a abordagem da Medicina da Dor", por considerar que só o conhecimento de todos poderá ajudar o doente a conviver com a sua dor crónica, a geri-la e a aliviá-la.

É esse princípio que procura manter e reforçar no Centro Multidisciplinar de Dor Beatriz Craveiro Lopes, que dirige. A anestesiológica Alexandra Reis é quem dirige, desde o verão de 2019, o CMDBCL e muito se orgulha da independência que este conseguiu conquistar:

"Somos o único Centro a nível nacional que não depende de outros serviços, e esta definição permite-nos ter e gerir uma equipa própria, respondendo diretamente ao diretor clínico."



Alexandra Reis

Primeiro surgiu enquanto Unidade de Dor, depois evoluiu para Unidade Multidisciplinar de Dor e o "crescendo em complexidade" culminou na candidatura a Centro Multidisciplinar, em 2017. Em 2008, Alexandra Reis, que integrava o Serviço de Anestesiologia desde 2000, passou a dedicar-se exclusivamente à então denominada Unidade Multidisciplinar de Dor. "Já tinha feito a pós-graduação em Medicina da Dor e sempre tive um interesse especial pela analgesia do pós-operatório", refere.

Desde que dirige o Centro, Alexandra Reis destaca como marcante a transição, em setembro de 2021, por inerência da pandemia de covid-19, para umas novas instalações, no Laranjeiro, a apenas cerca de 4,5 km do HGO, que ocupam em exclusividade:

“Apesar da maior logística que acarreta, finalmente, temos umas instalações adequadas à prática da Medicina da Dor, que agradam à equipa e aos doentes.”



Alexandra Reis com Beatriz Craveiro Lopes

Atualmente, a equipa é composta por quatro anestesistas, quatro fisiatras, uma internista, cinco enfermeiras, uma psicóloga, três assistentes operacionais e uma assistente técnica, e conta com a colaboração de um neurologista, um musicoterapeuta, uma psicomotricionista, uma assistente social, uma nutricionista e uma farmacêutica.

Em breve, será reforçada com mais uma anestesista, mas o desejo da diretora do Centro é integrar clínicos de mais áreas, seja oncologistas ou psiquiatras, por exemplo, dado que “a dor total não se restringe à dor física, sendo o somatório das dores física, psíquica e dos aspetos sociais”.

Do seu ponto de vista, “ao longo dos últimos anos, a Medicina da Dor tem registado uma acentuada evolução científica e atraído cada vez mais o interesse de outras especialidades”, o que entende como benéfico, dado que “é a multidisciplinaridade que proporciona a abordagem global”.

Como observa, “a dor crónica gera um looping na vida de uma pessoa e deve ser uma equipa multidisciplinar a atuar interdisciplinarmente, porque é o conhecimento de todos em simultâneo, com a visão individual de cada um, que contribui para o controlo da dor e o ensino do doente a conviver com a sua dor crónica, a geri-la e a aliviá-la”.

No entanto, “apesar de ser uma área clínica abrangente, exige que os profissionais saibam fazer diagnósticos de precisão e planos terapêuticos integrados para o tratamento da dor global”.

Neste âmbito, realça que a maior necessidade do Centro, atualmente, é “o reforço da equipa médica com profissionais formados em Medicina da Dor e que gostem desta vertente”, e expõe o seu desejo de “ver esta competência evoluir para especialidade, o que permitiria que mais profissionais tivessem formação e trabalhassem na área”.



Paralelamente, “cada vez há mais solicitações dos doentes”, de tal forma que, em 2022, o número mensal de pedidos de primeira consulta, neste Centro, duplicou para cerca de 200, tornando “humanamente impossível responder a todos com o atual staff com horários reduzidos”.

Alexandra Reis adianta que “a maior parte da procura pelos serviços de saúde decorre de quadros de dor e a causa mais frequente de dor crónica é a lombalgia, que atinge maioritariamente a população ativa, o que acarreta custos não só a nível humano, mas também económico”.